



INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL/CAMPUS SERTÃO: MEMÓRIAS DE UM EX-ALUNO, HOJE PROFESSOR

Carla V. V. Diefenbach - UNISINOS

Dr^a Beatriz D. Fischer - UNISINOS

Resumo: Através de anos o IFRS/Campus Sertão desempenha função relevante, em especial pela qualidade de formação desenvolvida junto a seus estudantes, não apenas quanto à dimensão técnica, mas também no que se refere à formação humana e social. Este estudo relata a história do IFRS/Campus Sertão no contexto da trajetória da educação profissional agrícola no Brasil, no período de 1957 até os dias atuais. A partir de uma abordagem qualitativa, a pesquisa busca subsídios para descrever a evolução histórica da instituição, desde a perspectiva de aluno egresso, hoje docente na instituição. No intuito de preservar a memória da instituição, a investigação traz também elementos do contexto mais amplo, envolvendo políticas públicas, verificando a importância regional e nacional da proposta educacional da referida escola. Para fundamentar a análise, a pesquisa vale-se de autores como Peter Burke, Benito Escolano, entre outros.

Palavras-chave: história da educação; história das instituições; ensino profissional; memória.

1 Introdução

Este trabalho tem como foco o Instituto Federal do Rio Grande do Sul/Campus Sertão, desde sua origem e fundação no ano de 1957. Do ponto de vista metodológico, o estudo adota uma perspectiva qualitativa, buscando referenciais historiográficos a partir de documentos e memórias. Conforme Minayo (1992) nas Ciências Sociais a pesquisa lida com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, envolve um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, os quais não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul/Campus Sertão é uma instituição federal de ensino, técnico e tecnológico, situado no Distrito de Engenheiro Luiz Englert, município de Sertão, Rio Grande do Sul, distante a 25 quilômetros de Passo Fundo, Região Norte do Estado, integrando a Rede Federal de Educação Tecnológica. O município de Sertão possui aproximadamente 6.746 habitantes, destes, 3.652 habitantes são residentes na área urbana e 3.094 habitantes na área rural. A instituição foi

criada pela Lei nº 3.215, de 19 de julho de 1957, denominando-se Escola Agrícola de Passo Fundo. Através do Decreto Lei nº 53.558, de 13 de fevereiro de 1964, passou a denominar-se Ginásio Agrícola de Passo Fundo, com localização em Passo Fundo – RS, subordinado à Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário, ligada ao Ministério da Agricultura, oferecia o curso ginásial com internato. Alguns anos depois, pelo Decreto nº 60.731, de 19 de maio de 1967 a instituição foi transferida, juntamente com outros órgãos de Ensino, para o Ministério da Educação e Cultura.

A instituição obteve declaração da regularidade de estudos pela Portaria nº 081, de 06 de setembro de 1980, da Secretaria do Ensino de 1º e 2º Graus, do Ministério da Educação e Cultura. A Lei Federal nº 8.731, de 16 de novembro de 1993 transformou a EAFSertão em autarquia Federal, com autonomia administrativa e pedagógica. Mais recentemente, com a emissão do Decreto Nº 5.478/05, no Campus Sertão/RS, iniciou-se o processo de discussão interna entre a comunidade escolar, com o objetivo de realizar a motivação e conscientização da obrigatoriedade da implantação do PROEJA, através do estudo do referido Decreto.

Em 29/12/2008 pela Lei Federal Nº 11.892, a EAFSertão RS, integra o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, na condição de Campus, juntamente com os Campi Bento Gonçalves, Canoas, Caxias do Sul, Erechim, Osório, Porto Alegre, Restinga, Rio Grande, Núcleo Avançado de Farroupilha, Núcleo Avançado de Feliz e Núcleo Avançado de Ibirubá. Atualmente, o Campus Sertão tem autonomia para ministrar Curso de Educação Básica em Nível de Ensino Médio e Formação Profissional com cursos de nível técnico, nas modalidades: integrada, concomitante, subsequente, PROEJA com formação profissional em Informática e Agroindústria e, também os Cursos Superiores de Tecnologia em Agronegócio, Agronomia, Zootecnia, Tecnologia em Gestão Ambiental, Licenciatura em Ciências Agrárias e Tecnologia em Alimentos.

O Campus formou, através de anos, mais de 4.000 alunos que se inseriram ao mercado de trabalho, segundo se sabe não apenas como profissionais, mas também como líderes e cidadãos com destacada participação em todos os campos da ação humana. São Técnicos em Agropecuária, participam diretamente da transformação técnica ocorrida nas propriedades rurais, especialmente da região norte do Rio Grande do Sul, parte de Santa Catarina, Paraná e com menor expressão, no centro-oeste e nordeste brasileiro.

O Decreto no 5.154, de 23 de julho de 2004 regulamenta o § 2º do art. 36 e os artigos. 39 a 41 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, relata que a educação profissional deve ser oferecida por meio de cursos e programas de formação inicial e continuada, de educação profissional técnica de nível médio

e também na forma de educação profissional tecnológica de graduação e de pós-graduação no sentido de articular esforços das áreas da educação, do trabalho e emprego, e da ciência e tecnologia. Em seu parágrafo primeiro prevê que a formação profissional poderá ser oferecida nas modalidades: integrada com o ensino médio, concomitante para alunos que estejam cursando o ensino médio na mesma instituição de ensino ou instituições de ensino distintas e na modalidade subsequente para alunos que já tenham concluído o ensino médio. Também a educação profissional poderá ser oferecida de forma tecnológica de graduação e/ou pós-graduação, todas essas modalidades poderão ser estruturadas e organizadas em etapas com terminalidade ou com saídas intermediárias com a obtenção de certificados de qualificação para o trabalho.

A oportunidade de o aluno de classe média ou média baixa, fazer um curso técnico antes de ingressar no ensino superior pode ser uma ótima opção, pois tem maior garantia de estar empregado na área de formação, terá maior facilidade de crescer na carreira e custear seus estudos, uma vez que a formação técnica oportuniza melhores condições de permanência e mobilidade no mercado de trabalho.

Exercendo a posição de referência em educação básica e profissional em toda a região Norte do Estado do Rio Grande do Sul, o IFRS/Campus Sertão desempenha papel relevante pela qualidade de formação empreendida. Não apenas centrada em cursos regulares, mas também através de curso de qualificação em informática, em inseminação artificial em bovinos, em gado leiteiro, em olericultura, fruticultura e culturas anuais. A comunidade regional recebe uma contribuição importante no sentido de melhorar as condições de vida principalmente do homem do campo.

O Campus funciona em período integral, com aulas teóricas e práticas, nos períodos da manhã, tarde e noite, incluindo ainda outras atividades para atendimento da clientela externa, como cursos de curta duração, que visam à atualização, capacitação e treinamento em áreas diversas e cursos de qualificação.

Oferece aos alunos, além das salas de aula, uma área de 237 (duzentos e trinta e sete) hectares, modernos Laboratórios e Unidades de Ensino e Produção na área da Agricultura, Fruticultura, Avicultura, Suinocultura, Bovinocultura e a Agroindústria, com produção dos derivados de leite, carnes e vegetais. Com alojamentos para 360 (trezentos e sessenta) alunos e 16 (dezesesseis) alunas e refeitório para 2.300 (duas mil e trezentas) refeições dia, divididas entre café da manhã, almoço, lanche, jantar e ceia. No ano letivo de 2011, totalizou 1012 (um mil e doze) alunos e seu corpo discente abrange uma área geográfica de mais de 120 (cento e vinte) municípios do Estado do Rio Grande do Sul.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Ouvindo um aluno de ontem, hoje professor

Para adentrar na história da instituição, inicialmente adotou-se História de Vida como metodologia, uma perspectiva qualitativa de investigação, valendo-se de narrativas a partir da memória, estabelecendo assim possíveis conexões entre vida individual e aspectos da vivência institucional do sujeito colaborador.

Os historiadores sociais radicais rejeitavam a narrativa porque a associavam a uma ênfase excessiva sobre os grandes feitos de grandes homens, à importância dos indivíduos na história e especialmente à supervalorização da importância dos líderes políticos e militares em detrimento dos homens – e mulheres – comuns. Mas a narrativa retornou, junto com uma preocupação cada vez maior com as pessoas comuns e as maneiras pelas quais elas dão sentido às suas experiências, suas vidas, seus mundos. (BURKE, 2008, p. 157-158)

Em se tratando de História de Vida é mais importante buscar informações, considerando validade, extensão e qualidade dos testemunhos que se pretende obter do que a quantidade de dados. Para tal, há que prever critérios qualitativos que permitam selecionar os elementos a serem investigados. O objetivo é obter dados sobre determinado indivíduo ou instituição em todas as fases de sua existência, buscando conhecer o modo de vida e as visões de mundo, a trajetória com perspectiva de passado, presente e futuro. Neste estudo, a obtenção de dados é alcançada por meio de relatos orais, gravados a partir de contato pessoal e individualizado do pesquisador com o pesquisado, trabalhando a memória no sentido do significado que o egresso atribui hoje ao que aconteceu em outros tempos.

Segundo Santamarina e Marinas (1994, p.257 e 258),

a História de Vida tem, na atualidade, um lugar próprio que requer mais que ajustar ou afinar técnicas ou receituários de procedimentos. As histórias de vida constituem-se de narrativas produzidas, por solicitação de um pesquisador, com a intencionalidade de construir uma memória pessoal ou coletiva em um determinado período histórico, estabelecendo, pesquisador e entrevistado, uma forma peculiar de intercâmbio que constitui todo o processo de investigação.

Conforme já referido acima, esta pesquisa pretende contribuir na preservação da história da instituição. Ouvir o egresso pode levar ao melhor entendimento da cultura escolar

existente na EAFS/IFRS no decorrer dos anos, auxiliando para o entendimento dos discursos em torno do técnico em agropecuária naquele espaço educativo. Buscando sua inserção no mundo, construíam seu futuro e preparavam-se para serem técnicos em agropecuária.

Busca-se igualmente situar a instituição dentro do contexto mais amplo das políticas públicas, verificando a importância regional e nacional desta proposta educacional na história da educação Rio-Grandense.

O motivo desencadeador da pesquisa está relacionado à seguinte situação: anualmente ocorre a formatura, em média cento e vinte alunos do curso profissionalizante de nível médio que obtém o título de Técnico em Agropecuária. Considerando não haver uma aproximação efetiva com estes alunos após término dos estudos, verifica-se a falta de um *feedback* acerca de suas trajetórias. O acompanhamento do egresso é um mecanismo indispensável ao processo de avaliação das instituições escolares, e sua opinião pode muito contribuir para qualificação dos projetos em implantação. Assim, surge a indagação que norteia o presente trabalho: como o egresso discente rememora o tempo vivido na EAFS/IFRS/Campus Sertão e que possíveis marcas dos tempos de escola ainda permanecem?

Para buscar possíveis respostas, esta pesquisa precisa fundamentalmente contar com lembranças dos sujeitos egressos da instituição. Tal opção pode significar uma riqueza de informações e dados que precisam ser analisados e interpretados, sempre levando em conta que estão eivados de subjetividade. Como afirma Augras¹ (1997, p. 27):

“Muitas vezes, é verdade, costuma-se focar a subjetividade como perda: é o esquecimento, a mentira, a fantasia, o mito. A memória, como sabemos, não é fiel aos fatos. Mas a subjetividade pode também ser considerada como ganho: é quem produz o testemunho vivo, a lembrança.”

Desencadeando a fase inicial de investigação (a pesquisa integra um projeto de tese de doutoramento), optou-se por buscar o relato de um egresso discente que atualmente, no ano de 2011, atinge o cargo máximo dentro da instituição, o de Diretor Geral. O critério de escolha foi definido por este sujeito ter estudado na instituição desde os primórdios, nela atuando ao longo de décadas. A entrevista realizada com o hoje professor Odirce Antunes, Diretor Geral pró-tempore, ocorreu nas dependências do Campus Sertão. O entrevistado descreveu um panorama da instituição desde a sua criação. Natural do interior de Sertão, com 60 anos de idade é morador na própria cidade, casado e com três filhos, todos casados e com curso superior. Segundo ele, o período em que passou na Escola foi de extrema importância para sua formação não só profissional, mas também ética, moral e social.

¹ AUGRAS, M. 1997 *apud* AUTUORI, Marina, p. 3.

Iniciou seu relato, buscando reminiscências, abordando as lembranças que ficaram mais marcadas em relação à antiga EAFS (Escola Agrotécnica Federal de Sertão), hoje Instituto Federal/Campus Sertão.

O que mais marcou para mim foi que eu era um menino nascido no interior de Sertão e que, naquela época para [a gente] conseguir além do ensino primário, que era o sistema de ensino da época, seguir em frente era muito difícil, principalmente para o pessoal do interior, tendo ainda outra questão familiar, os filhos estudavam até o quinto ano primário, pois tornavam-se mão de obra. Eu tinha que, primeiro, convencer meus pais a vir estudar, tendo como referência na época, o Ginásio Agrícola do Sertão. Saído interior, fiz admissão e para mim foi uma mudança completamente radical porque nasci no interior, naquela época não tinha celular, televisão, apenas o correio, mas para mim foi muito difícil, porque nunca tinha saído morado fora de casa, mas como minha vontade era realmente estudar...

A família do egresso era constituída por seis filhos e somente ele, inicialmente, veio estudar na escola. Somente alguns anos mais tarde seu irmão mais novo também seguiu o mesmo caminho, os outros estudaram somente até o quinto ano. Para o ingresso na instituição ele realizou o exame de admissão, sistema de ensino vigente na época, que exigia uma prova para ingresso no ginásio, que neste caso era o ginásio agrícola de Passo Fundo.

Segundo palavras do professor Odirce:

Então foi uma mudança muito grande, era a única oportunidade de estudar, fazer este curso aqui porque tinha internato e meus pais não tinham condições de pagar outro estudo. Apesar das dificuldades que senti no começo, diante de uma mudança muito radical, eu me apegava a esta oportunidade que não podia deixar escapar. Fui fazendo amizades, acostumando assim com uma vida diferente. Fui, assim, me integrando na época com o ginásio agrícola e com os colegas, e começou a fazer parte da minha família e eu sempre digo que para mim eu tenho três famílias: a primeira, a minha família, constituída de ensinamento dos meus pais e depois, a família constituída através de meu casamento, meus filhos netos, e a outra família para mim começou com o antigo ginásio agrícola de Passo Fundo e depois, Colégio Agrícola de Sertão. Eu me apeguei muito a esta instituição.

A faixa etária dos alunos que ingressam no IFRS é em média de quatorze anos, adolescentes, o que provavelmente permite verem na Instituição uma espécie de extensão do próprio lar, tanto que para muitos os colegas simbolizam a figura dos irmãos e os professores e servidores uma representação dos pais. Na época do entrevistado, os alunos entravam no curso técnico mais maduros, pois na formatura a média de idade era de 21 anos. Quanto à implementação desta instituição, o egresso relata que começou com o decreto de 1957 e que, devido a condições de construção e burocracia, começou seu funcionamento efetivo em 1962, sendo que ele iniciou em 1965. Na época só existia o ginásio agrícola de Passo Fundo com sistema de internato, com condições não muito boas de infraestrutura. Segundo ele, o diretor da época possuía forte ligação com Brasília, conseguindo trazer em 1969 o curso técnico em

agropecuária para a região. Até então os alunos que se formavam no ginásio agrícola iam para outros colégios agrícolas que já tinham o curso técnico em agropecuária, situados em Cachoeirinha, também a escola de Porto Alegre e a de Alegrete. Conforme seu depoimento, a primeira turma ginásial de 1968 passou em 1969 para o colégio agrícola, vindo a formar-se em 1972.

Cabe informar alguns dados históricos: o Decreto n° 62.178, de 25 de janeiro de 1968 autorizou o Ginásio Agrícola de Passo Fundo, a funcionar como Colégio Agrícola. A denominação Colégio Agrícola de Sertão foi estabelecida pelo Decreto n° 62.519, de 09 de abril de 1968. A partir disso ficou sob a coordenação da Coordenação Nacional de Ensino Agrícola – COAGRI, durante o período de 1973 até 1986, oferecendo neste período o Curso Ginásial Agrícola. Pelo Decreto n° 83.935, de 04 de setembro de 1979, passou a denominar-se Escola Agrotécnica Federal de Sertão (EAFSertão RS), subordinada à Secretaria de Educação de 1° e 2° Graus do Ministério da Educação e Cultura. A partir do segundo semestre de 1973, a habilitação passou a Técnico em Agropecuária. O Instituto Federal Campus Sertão, durante sua trajetória desenvolvendo o ensino profissional, já formou mais de quatro mil técnicos, que se apresentam como referência no desenvolvimento agrícola do país. Neste sentido, cabe trazer novamente um trecho da narrativa do ex-aluno hoje professor:

(...) como começou a funcionar em 62, e as condições não eram as melhores, só tinha o prédio central com as salas de aula, ainda não tinha alojamento, não tinha refeitório, não tinha outras estruturas como, por exemplo, sala de mecanização, setores. Nós tínhamos aula teórica na parte da manhã e à tarde era chamado de aula prática, que na verdade era trabalho mesmo. Entrávamos em uma fila à uma hora da tarde e ali em fila eram designados tantos alunos para trabalhar na lavoura, tantos para roçar, tantos alunos para fazer ração dos animais, fazer a limpeza da instituição. Não havia nenhum funcionário para a limpeza, naquela época. Aluno podia [trabalhar], pois não havia problemas com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), não tinha problema nenhum, faziam trabalhos braçais, pesado.

Durante aqueles anos, várias modificações foram feitas, pois no início no ano de 1965 eram 85 alunos internos, além da grande maioria dos externos. Havia a vila do Englert, uma vila nos arredores da instituição com grande população, e também a estação experimental de Passo Fundo, hoje Embrapa, por isso o maior número de alunos era externo. Para os internos foram colocadas camas onde hoje se situa a primeira sala de aula e a sala dos professores. Cada um trazia uma maleta, um bauzinho, que era colocado no corredor que dá acesso a sala dos professores para funcionar como guarda-roupas.

Continuando as reminiscências, vale trazer reflexões entre os tempos de ontem e de hoje na instituição:

Tinha um funcionário que atendia, era o chefe de disciplina, não tínhamos maiores problemas de roubos e coisa e tal. É importante relatar que tínhamos dois horários obrigatórios, à noite, das 19h às 20h e de manhã, das 06h30min às 07h30min tocava uma sirene e [de manhã] a gente tinha 10 minutos para levantar, arrumar acama e ir para a sala de aula. Era obrigatório, é importante relatar que como nós não tínhamos refeitório, então foi onde é o ginásio de esporte, que tinha uma casa de madeira que o pessoal que construiu a escola usou para se abrigar na época de construção. Um rancho de madeira que foi adaptada para refeitório. Como éramos 85, a casa era pequena. Entrávamos em fila aqui na frente do prédio central, íamos marchando até o refeitório. Era obrigatório, manhã tarde e noite, entrava em fila, posição de sentido, tinha que botar a mão nas costas do outro da frente e marchar até a porta que dizia “Escola Auto”. Depois diziam “posição, descansar”, daí entrava a metade para fazer a refeição e a outra metade ficava em fila na posição descansar, com as mãos para traz, esperando aqueles fazer a refeição para depois entrar. São coisas que marcaram muito e a gente pensa hoje: não tem comparação com nosso aluno de hoje, não tem comparação nenhuma, era totalmente diferente, agente trabalhava, tinha dificuldade, sem ginásio de esporte, cancha asfaltada, pavimentada, esta que tem pavimentada aqui na frente do prédio foi feita por nós de carrinho de mão e picareta. Depois fazíamos campeonatos ali, e éramos muito felizes ali, 85 alunos, colegas que eram uma família.

O depoente aborda os tempos de escola com benefícios a sua formação profissional e como cidadão, com parcerias com colegas e professores, demonstrando a importância da disciplina dentro da instituição que o formou. Mesmo a escola tendo sua estrutura física precária, sem trator, com lavração com arado de tração animal, capina feita com enxada e roçado com foice, feito pelos alunos na parte da tarde, de forma obrigatória, acompanhados por alguns professores. A maioria naquela época era de professores do ensino médio e fundamental, técnicos eram em número menor, então alguns funcionários também acompanhavam as atividades. Ele faz questão de salientar a felicidade de estudar neste lugar, lembrando que sete anos morando juntos eles formaram uma família, que até hoje fica marcado em sua lembrança e em sonhos, que ainda tem como se estivesse naqueles tempos. Segundo ele, nem bola tinha para jogar, faziam bola de meia, chegando a organizar torneios internos com essas bolas.

Dando continuidade às informações coletadas na entrevista, é importante registrar que a alternativa profissional do egresso, logo após formatura, foi trabalhar no sindicato dos trabalhadores rurais do município de Sertão e na docência estadual como professor de técnicas agrícolas. Depois fez especialização em Ecologia e mestrado em Agronomia. Em 1994 fez concurso para ingressar como docente na então Escola Agrotécnica Federal de Sertão. Destaca que a formação que teve na escola levou para vida profissional, porque sua vida profissional sempre foi ligada à área de agropecuária que o influenciou na escolha do curso superior. De fato, sua vida profissional foi motivada pelo início de sua formação no ginásio agrícola. Faz questão de salientar que a base recebida na instituição foi uma grande conquista:

A base eu trouxe daqui, para mim foi uma grande conquista, larguei todas as horas de estado [funcionário do quadro estatal] e vim para cá com dedicação exclusiva. Iniciei trabalhando em 1995, tive uma fase que fiquei de coordenador que na época era CEGAE, coordenação geral de atendimento ao educando. Em 2003 eu saí para fazer o mestrado, voltei em 2005, trabalhei com várias disciplinas, mas todas nesta área da agropecuária, agronegócio e agora mais recentemente, em 2008, eu fui convidado para assumir a diretoria de ensino. Mesmo na diretoria de ensino eu trabalhei em sala de aula e paralelo a isto eu era, além diretor de ensino, diretor substituto da ex-diretora, quando ela se ausentava. Então eu desempenhava a função também de diretor geral e agora, recentemente, como a professora Viviane, que era diretora, foi convidada para assumir a pró-reitoria de extensão do nosso instituto, ela teve que se exonerar do cargo e aí, então, eu fui nomeado diretor geral pró-tempore até agora tem processo eleitoral e o mandato o mais tardar [deve ir] até abril de 2012, daí a gente passa para o diretor eleito.

Essa história segundo o professor é uma história bonita porque ele começou como aluno “bem chorão: chorava muito no início, logo ao vir de casa e até acostumar não foi fácil”. Até hoje conta para os alunos que ele chorou, mas não se arrepende achando que valeu a pena. Foram lágrimas que valeram à pena, e por isso que é bonita a história, pois começou como aluno com dificuldade, teve a formação e depois de formado foi para o mercado de trabalho, e depois fez concurso público. Segundo ele, no interior naquela época a mão de obra era braçal, muito difícil, e ele queria realizar o seu sonho. Veio para a instituição, conquistou a vaga, e foi em frente. Trata-se de uma história no campo da educação que deve ser coletada e preservada:

Eu me sinto assim orgulhoso e feliz por a gente começar como aluno e chegar ao cargo máximo da instituição. Acho que é um exemplo que eu não quero que fique marcado somente como um orgulho para mim, mas é um exemplo para quem tá chegando, para os alunos. Eu estava conversando com a nossa nutricionista, tinha o encontro dos dirigentes dos doze Campi do Instituto, então agente teve reunião e a tarde teve reunião do conselho superior que também foi no Campus. Teve uma parada às 4 horas para um coffee break lá no refeitório, bem preparado. No mesmo momento em que os alunos tem o lanche da tarde, só que os alunos chegam até na porta do refeitório, pegam seu lanche, e vão embora. Então a nutricionista me contou que um aluno disse “ nós não podemos participar junto no coffee break dos diretores e conselheiros?” A nutricionista disse não, mas tem um caminho para vocês fazerem, faz como o professor Odirce: começa do lado de cá e depois passa para lá, podem chegar até lá, o caminho está aberto, agora tem uma coisa: depende de cada um. É um exemplo bonito que agente começou como aluno e chegou ao cargo e sempre a gente pensando, assim, no trabalho sério e na dedicação, que o resultado aparece, né?

Importante aqui lembrar Burke (2009, p. 31), quando refere que autobiografias e memórias constituem um meio particularmente efetivo para as pessoas apresentarem o que se chamaria uma “versão autorizada” de sua vida, fazendo parecer que elas buscaram certas metas sem hesitações, distrações e confusões que fazem parte da vida de todo mundo. Nesse sentido, o sujeito aqui entrevistado talvez transmita, involuntariamente, uma idéia positiva e

harmoniosa de sua trajetória, mas tal versão não impede que seu depoimento seja um importante contributo empírico na condução do projeto de preservação da memória da instituição.

Continuando, recorda que no tempo de aluno percebia grandes mudanças em sua vida desde o ingresso na escola. Quando ele voltava para sua casa, em sua comunidade, desde o tempo de ginásio, ele era uma referência, quem sabe já passavam a vê-lo como um grande líder. Conforme seu depoimento, as pessoas olhavam completamente diferente para ele, porque estava estudando no colégio agrícola: “era um *status*, porque no interior era um que outro que saía para estudar”.

Embora o poeta Mario Quintana tenha escrito que a memória carrega uma caixa de lápis de cor (2006. p.159) - e, de fato, pesquisas que lidam com memória comprovam: reminiscências, mesmo as mais doídas, sempre são lembradas com brandura - foi importante provocar o entrevistado acerca de momentos e acontecimentos que talvez não tivessem sido favoráveis em sua vida como estudante da instituição.

(...) o que marcou negativamente e que eu não gostava é que às vezes a gente tinha que fazer rodízio e às vezes, em finais de semana, um grupo ficava na escola para limpeza. Tínhamos que lavar estes corredores, começar lá no fundo, jogando água, de escova, de joelho, escova ia jogando sabão e a gente ia até o outro lado. Isso era uma coisa que eu não gostava. Eu gostava de ir para a lavoura, porque agente tinha uma turma grande, era maravilhoso, mas a parte, assim, que eu não gostava que era negativa para mim, era a quando tinha que limpar, era terrível.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de decifrar a História é alicerçado justamente na reconstituição de fragmentos aparentemente dispersos, que aos pesquisadores cabe tentar melhor compreender, em especial se for considerada a riqueza de dados submersos ao longo dos anos, dados que necessitam vir à tona, a partir de criteriosa metodologia aliada a uma fundamentação teórica consistente. Após o relato do egresso, ratifica-se a importância de obter mais informações referentes à história da educação do IFRS/Campus Sertão, visando à preservação da memória a partir das reminiscências de quem por lá passou e viveu anos significativos de suas vidas. São histórias nunca antes narradas com fins de preservação. Elas ajudam a conhecer melhor o contexto e a cultura escolar, os saberes, práticas e comportamentos que ajudaram a estruturar suas relações

com o mundo social e profissional desde aquele tempo até os dias atuais. A experiência inicial desta pesquisa, a partir da primeira narrativa coletada, faz lembrar palavras de Benito (2007, p. 26).

En lo que afecta a la educación, cada vez se está más en la convicción de que el futuro de la escuela se ha de buscar como apertura y creación, porque el porvenir no hay que esperarlo, sino inventarlo, pero también se estima que esta función proactiva de la nueva educación debe escribirse desde la memoria, es decir, desde la cultura. El patrimonio escolar es un bien para ser expuesto públicamente y para ser visto por todos. Construir y comunicar los valores de la memoria es desde luego una responsabilidad pública, pero constituye al tiempo una tarea en la que los académicos han de desempeñar una importante función.

A perspectiva qualitativa de investigação permite valorizar a narrativa do ex-aluno, embora a mesma possa representar fragmentos da história da instituição evocada pela memória de apenas um sujeito. O fato de, por exemplo, ele enfatizar que não havendo televisão e nem rádio, “a maior vitória foi quando em 1966 o grêmio estudantil conseguiu arrecadar um valor de cada um” - e então comprar uma eletrola e ouvir músicas da “jovem guarda” – pode conduzir ao passado, recriando cenários que permitam visualizar não só o contexto social, mas também melhor compreender a cultura escolar, inclusive fora da sala de aula. Outra contribuição a partir da versão deste ex-aluno foi quanto às atividades em sala de aula. Narra que a disciplina era bastante rígida, os professores eram autoridade máxima e, segundo o depoente, deveriam ser até hoje: “mas, infelizmente, hoje tem algumas coisas que impedem isso. Os alunos tinham maior respeito pelos professores, a turma em sala de aula era uma turma que não tinha problema de bagunça e disciplina, o professor chegava e seguia em frente, era bastante controlada essa questão de disciplina”.

O conjunto desta primeira narrativa leva a concluir que a instituição provavelmente defendia que o ensino técnico e seu processo formativo - diante das transformações da sociedade e das exigências do mundo do trabalho - deveria ser um ensino de qualidade que interfere positivamente na sua trajetória profissional e na formação enquanto cidadão. De um modo geral, os fragmentos de memória aqui registrados reforçam a idéia que a instituição foi construída com princípios de uma educação técnica de qualidade, baseada em disciplina rígida, exigindo muito trabalho desempenhado pelos alunos, mas também incentivando integrações e formação de um vínculo grande entre os colegas. Estes ainda hoje buscam a escola por ocasião do encontro de ex-alunos e fazem visitas frequentes à instituição. Através da narrativa do ex-aluno, hoje professor e diretor, ratifica-se a importância da instituição

centrada na qualificação com diferencial de atividades práticas corriqueiras que se perpetuam ao longo do tempo, consolidando um ensino reconhecido nacionalmente.

REFERÊNCIAS

AUTUORI, M. **Considerações acerca da questão da subjetividade na História Oral.** Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Bolsista Caps. Disponível em http://www.historal.kit.net/marina_autuori.pdf. Acesso em 23 fev. 2012.

BENITO, Agustín Escolano. **La cultura material de la escuela.** Centro internacional da la cultura escolar. Soria: Berlanga de Duero, 2007.

BRASIL. Lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

_____. Ministério da Educação. **Plano de Desenvolvimento do Ensino Agrícola de segundo grau.** Brasília: MEC, 1973.

_____. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Educação profissional e tecnológica: legislação básica.** 5ª edição. Brasília: MEC, 2001.

_____. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Educação profissional e tecnológica: legislação básica.** (6ª edição). Brasília: MEC, 2005.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional de nível técnico: programa de expansão da educação profissional.** Brasília: MEC, 2000.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sergio Góes de Paula. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BURKE, Peter. **O historiador como colunista: ensaios da folha;** Tradução: Roberto Muggiati. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

COAGRI. **Diretrizes de funcionamento de uma escola agrotécnica federal**. Brasília: MEC, 1985.

_____. Educação agrícola - 2º grau: linhas norteadoras. Brasília: MEC, 1984.

MEC. Disponível em: www.portal.mec.gov.br. Acesso em: 15 de maio de 2011.

MYNAIO, Maria C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, Rio de Janeiro: ABRASCO, 1992.

QUINTANA, Mario. **Caderno H**. Organização de Tania Franco Carvalhal - 2ª edição. SP: Globo, 2006.

SANTAMARINA, C. e MARINAS, J. M. **Histórias de vida y história oral**. In DELGADO, J. M. e GUTIÉRRES, J. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Síntesis, 1994.